

MAPA DA MÚSICA ELETRÔNICA BRASIL - 2025

POWERED BY



ÍNDICE:

[PARTE 1] INTRODUÇÃO

**[PARTE 2] O MERCADO BRASILEIRO: ELEMENTOS
CARACTERÍSTICOS**

**[PARTE 3] PERSPECTIVAS DE MERCADO: ANÁLISES,
DESAFIOS E OPORTUNIDADES**

[PARTE 4] TAKEAWAYS

**[PARTE 5] MAPEAMENTO DO ECOSISTEMA DA MÚSICA
ELETRÔNICA**

[PARTE 6] VOZES DO MERCADO: INSIGHTS E CITAÇÕES

[PARTE 1] INTRODUÇÃO

Brasil: um vasto território da música

O Brasil é o nono mercado fonográfico do mundo, de acordo com a associação do setor Pro-Música. País de dimensões continentais, conta com mais de 210 milhões de habitantes e 15 cidades com mais de um milhão de pessoas.

É um país com um mercado de música eletrônica maduro, diversificado e com aspirações globais. Festivais de marcas internacionais, artistas com projeção global, público amplo e engajado, cenas locais e alternativas que inovam: tudo isso compõe o cenário brasileiro atualmente.

O objetivo deste relatório é fornecer uma fotografia desta ampla e dinâmica indústria de música eletrônica em 2025 junto com um mapa de atores-chave deste ecossistema. Esse retrato inclui análises, identifica oportunidades, aponta desafios e propõe caminhos para artistas, profissionais e detentores de obras dentro e fora do país.

A elaboração desse relatório contou com diversos insumos, incluindo entrevistas com profissionais do setor, entre artistas, produtores de eventos e festivais, empresários, contratantes, agências e ticketeiras, bem como pesquisas e dados disponíveis sobre o setor eletrônico e o mercado musical brasileiro em geral.

A partir dessas fontes, conseguimos iluminar áreas como arrecadação de direitos autorais, valorização de repertório, nichos estratégicos, perfil de eventos, características do público e particularidades regionais.

Este documento não se propõe a ser um levantamento amplo, com rigor estatístico. Tratamos o projeto como uma sonda exploratória, mapeando movimentos, sentimentos, gargalos, desafios e oportunidades latentes em uma cena muito rica, mas cujo valor - e poder - ainda são bastante negligenciados.

A música eletrônica é uma cultura com história de várias décadas no Brasil, hoje consolidada em um mercado consistente e incorporado ao tecido cultural brasileiro. Ela é consumida em todas as regiões do país, por faixas etárias que vão da adolescência aos 50+.

Se antes o país se inspirava principalmente no que vinha de fora, hoje o país é também um exportador de tendências, estilos e artistas. Se consolidou por aqui um lucrativo - ainda que arriscado - ecossistema de produtoras de grandes eventos, selos musicais, agências de artistas e escritórios de management.

Os autores Camilo Rocha, Claudio da Rocha Miranda Filho e Mauricio Soares são profissionais com atuação reconhecida e de longa data no mercado local, em diferentes frentes.

Camilo é jornalista, escritor e DJ. Atua na cena eletrônica brasileira desde a década de 90, analisando e reportando sobre o movimento como jornalista para grandes veículos nacionais e se apresentando como DJ em eventos importantes como Rock In Rio, Universo Paralello e Virada Cultural. Em 2024, lançou o livro "Bate-Estaca", sobre os primórdios da cena eletrônica de São Paulo.

Claudio dirigiu durante 12 anos a principal conferência de música eletrônica do Brasil, o BRMC, também atuou como contratante e produtor de grandes eventos e festivais, escreveu importantes artigos na área, entre eles o '1º Mapeamento da Dance Music Culture no Brasil' para o Ministério da Cultura Holandês. Hoje atua como curador e diretor artístico de música eletrônica na Rock World, empresa que realiza o Rock in Rio, The Town e Lollapalooza no Brasil; e serve ao Advisory Board da AFEM (Association For Electronic Music).

Mauricio é sócio-fundador do espaço de eventos ARCA e da produtora M-S Live, atualmente ocupando a posição de diretor criativo associado na equipe do DJ Alok e de membro do conselho da conferência SIM São Paulo. Tem mais de 20 anos de experiência em marketing, branding e estratégia e mais de uma década na indústria do entretenimento e eventos. Foi Country Manager da ID&T Brasil e Diretor de Marketing da Plusnetwork, ocupando posições de liderança em eventos internacionais como Skol Sensation, Tomorrowland Brasil, Electric Zoo e Milkshake.

[PARTE 2]

O MERCADO BRASILEIRO: ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS

1) São Paulo: pólo internacional

Maior cidade brasileira, São Paulo é uma parada obrigatória para qualquer turnê de artista internacional que passa pela América do Sul, do pop ao rock, passando pelas tours de música eletrônica.

De acordo com dados compartilhados por uma das ticketeiras com quem conversamos, 29% de todos os eventos de música eletrônica comercializados pela plataforma no ano de 2024 aconteceram em São Paulo.

Apenas em 2025 a metrópole recebeu ou receberá shows de Dua Lipa, Oasis, Mariah Carey, Kylie Minogue, Massive Attack, Bad Bunny, The Weeknd, Travis Scott, só para citar alguns nomes mais conhecidos entre uma lista dezenas de shows vindos do exterior.

A cidade também abriga anualmente ou bianualmente festivais de grande porte como Lollapalooza e The Town, mais abrangentes, e Tomorrowland Brasil, Só Track Boa e Time Warp, focados em música eletrônica.

2) Música brasileira: ouvida e adorada

Brasileiros amam a música brasileira, claro. Mas essa relação é mais do que apenas apreciação e sim praticamente uma dedicação permanente. De acordo com relatório de 2023, da Pro-Música, 93,5% das 200 músicas mais executadas no Brasil em seis plataformas de streaming (Spotify, YouTube, Deezer, Apple Music, Napster, Amazon Music) eram brasileiras.

De acordo com o relatório Loud & Clear, do Spotify, 60% dos royalties gerados no Brasil foram para artistas do país. Detentores de direitos autorais brasileiros perfizeram 84% do Daily Top 50 do país.

Na última década, na música eletrônica, alguns nomes brasileiros passaram a ter destaque igual ou maior que os estrangeiros, em visibilidade e força de venda de ingressos. Verificou-se uma verdadeira explosão dos nomes locais, cunhada como o “Brazilian Storm” (tal como acontecia no surfe brasileiro) dos DJs e produtores brasileiros - que passaram a contar com um respeito e devoção que antes eram reservados apenas aos nomes de fora.

Em 2023, destacamos o caso do anúncio de uma edição em São Paulo do Ultra Music Festival - amplamente criticado por fãs nas redes sociais pela ausência de nomes nacionais em seu lineup.

3) Eletrônica além da eletrônica

No Brasil, o termo "música eletrônica" se refere em geral ao universo de sons derivados de house e techno e às cenas em torno de clubes e raves. No entanto, linguagens, influências e modos de fazer “eletrônicos” permeiam a cultura musical brasileira de uma maneira mais ampla, atravessando diversos estilos e movimentos.

Estes incluem gêneros de grande popularidade como pop, funk, piseiro e MPB, do “Funk Rave”, de Anitta, aos ritmos do BaianaSystem e o technobrega das “aparelhagens” paraenses. Mesmo dentro do sertanejo, o gênero mais consumido do país, a intersecção com a eletrônica aparece em trabalhos de grande alcance, como da cantora Ana Castela. Vale lembrar que o DJ Alok comumente se apresenta em eventos de grande porte do circuito sertanejo como feiras agropecuárias e festas do Peão.

Ao se avaliar o alcance e as oportunidades do mercado brasileiro, pode ser interessante olhar para o caráter diverso e híbrido que a música eletrônica tem no país e seus regionalismos.

4) Roteiros: o verão no Brasil é festa (de música eletrônica).

As temporadas de ano novo, alto verão e o carnaval, são especialmente movimentadas em termos de eventos no litoral brasileiro, com destaque para a região Sul, Sudeste e Nordeste. Summertime no Brasil. Diversos núcleos e organizações de São Paulo e Rio de Janeiro realizam edições em praias paradisíacas do Nordeste. A música eletrônica e a cultura DJ estão absolutamente incorporados às atividades do entretenimento, sejam em eventos especializados; os que abrangem outros gêneros, ou em todo e qualquer camarote de carnaval ou rooftop e ambientes de restaurantes e bares.

5) Onde se ouve música eletrônica

Há uma ampla gama de modelos de eventos onde a música eletrônica é executada hoje no Brasil. Como em muitos outros mercados pós-pandemia, o festival é hoje uma das experiências preferidas de larga parcela dos ouvintes brasileiros.

O Brasil tem uma série de eventos dessa categoria focados em música eletrônica (como poderá ser verificado na PARTE 5 deste relatório), mas DJs e produtores também têm espaço em festivais abertos a diferentes estilos. As grandes cidades do país contam com uma rede ativa de festas e casas noturnas dedicadas aos estilos eletrônicos.

Diversos desses clubes se adaptaram à tendência e escolheram uma programação mais esporádica e/ou baseada em festas temáticas, tal como se fossem pequenos festivais dentro destes “superclubs” com programações sazonais. São exemplos Privilège (Búzios-RJ), Laroc/Ame (Valinhos-SP), Caos e Gate 22 (Campinas-SP), Warung e Surreal Park (Itajaí-SC).

Combinando DJs, drinks e gastronomia, os listening bars têm ganhado destaque nos últimos dois anos como opção mais intimista e sofisticada. A eletrônica permeia muitos aspectos da vida brasileira, sendo ouvida em restaurantes, quiosques de praia, cafés, lojas, academias, desfiles de moda, hotéis e mais.

6) Trânsito internacional

Na última década, se ampliaram os planos e estratégias internacionais de artistas brasileiros de diversos gêneros, que passaram a mirar festivais e eventos importantes fora do país como nunca antes. Basta ver os lineups de festivais como Coachella, Primavera Sound e Sonar para constatar que muitas edições contaram com nomes brasileiros no lineup.

Alguns dos principais destaques desses eventos foram de DJs brasileiros, como Vintage Culture, ANNA, Alok, Mochakk, Clementaum e Cashu. Nos últimos anos, foram muitos casos de DJs nacionais realizando turnês pela Europa, Ásia, Pacífico e América Latina. Esse destaque crescente de DJs brasileiros no plano internacional, em festivais e playlists, é resultado da consolidação deste segmento e da qualidade de suas produções musicais.

O alcance do eletrônico brasileiro fora do Brasil é digno de nota. A maior parte das músicas brasileiras ouvidas no streaming em termos globais são deste gênero, sendo que DJ Alok o 9º artista que mais exporta música em todo o planeta, de qualquer gênero - e é o único artista brasileiro a figurar no Top 10.

7) Um público ligado

Acompanhando esse movimento de perto, há um vibrante ecossistema de mídia com diferentes tipos de veículos e comunicadores - publicações especializadas como HouseMag, Music Non Stop, Eletro Vibe, Play BPM e Alataj, além das franquias das estrangeiras DJ Mag e Mixmag.

Os últimos anos viram o crescimento de perfis de influenciadores especializados em música eletrônica como Tiago Melchior, Halley Silva e Victoria Vaz, com dezenas ou centenas de milhares de seguidores em plataformas como Instagram e Tik Tok.

De acordo com a Comscore, o Brasil é o 3º maior consumidor de redes sociais do mundo. Isso se reflete também no universo da música eletrônica. Usuários são ativos e engajados, costumeiramente exaltando artistas e eventos que gostam, potencializando a audiência de posts, stories, vídeos, sets e podcasts.

8) Patrocínio ainda é um desafio

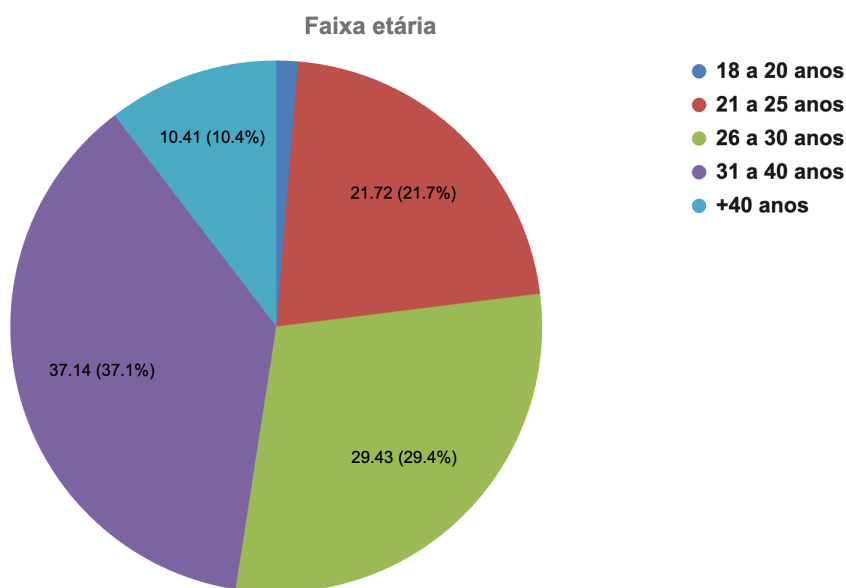
Ainda que a música eletrônica tenha ganhado espaço e amadurecido em todo o país, deixando para trás boa parte da carga de preconceito que a acompanhava até relativamente pouco tempo atrás, a prospecção de patrocínios para projetos no setor pode se mostrar um desafio considerável - especialmente fora das categorias de bebidas alcoólicas, energéticos e refrigerantes. Até hoje são raros exemplos como o da Gop Tun, que tem apoio de marcas de moda e acessórios como On e Ray Ban.

Mesmo projetos de maior escala e alcance como o festival Tomorrowland Brasil não apresentam uma lista de patrocinadores comparável à de eventos similares dedicados a outros gêneros musicais. As razões para isso não são totalmente claras, mas há indícios de que parte desse fenômeno pode ser explicada pela alta dificuldade de se enquadrar um projeto de música eletrônica em um edital ou lei de incentivo, assim como pela falta de conhecimento e/ou percepções equivocadas a respeito da audiência e da relevância cultural do gênero - algo acentuado por uma virtual ausência de dados estatísticos independentes, auditados e estruturados sobre o setor.

Consumo, demografia e comportamento

Perfil do público

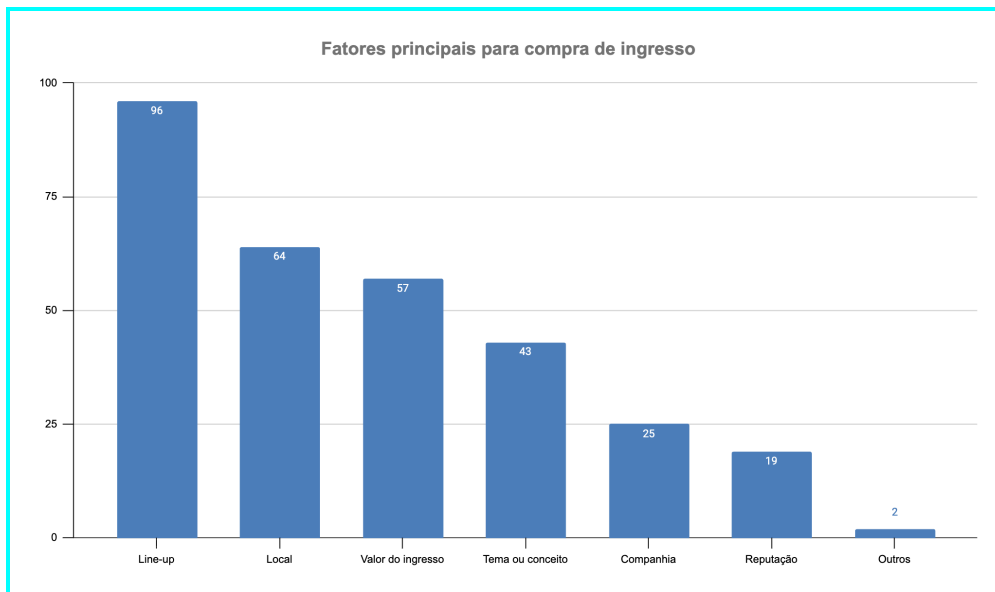
Uma pesquisa realizada pela plataforma Play BPM em dezembro de 2024, com 226 participantes, desenhou o perfil do consumidor brasileiro de música eletrônica. **37%** dos respondentes eram millennials, e **61%** residiam no estado de São Paulo, indicando alta concentração de público nesta região. Além disso, **21%** ingressaram na cena eletrônica após a pandemia, demonstrando indícios de renovação de público - algo muito bem-vindo para uma cena que, na última década, viu seu público majoritário passar da faixa dos 18-24 para a dos 30-40 anos de idade.



Os frequentadores são assíduos: **22 %** participaram de mais de dez eventos em 2024 e mais de **60 %** viajaram para outras unidades da federação para assistir a festivais. Em relação a hábitos de consumo, **70,4 %** preferem voltar para casa após um evento, enquanto **29,6 %** estendem a noite em after parties .

Critérios para escolha de eventos

Quando decidem qual festa ou festival frequentar, os entrevistados priorizam a **programação/lineup (96 %)**, seguida pelo local onde é realizado (64%), preço do ingresso (57%), tema do evento (43%) e companhia (25%). Os festivais e eventos mais visitados foram **Tomorrowland Brasil (26,8%), Laroc (24,1%), Time Warp Brasil (18,7%), Só Track Boa (13,4%)** e **Afterlife (11,6%)**. Esses dados revelam o peso dos artistas na decisão de compra, mas também a grande importância do ambiente e da localização do evento.



Gastos e exclusividade

Frequentar eventos eletrônicos exige investimento significativo. Cerca de **30,5 %** dos participantes da pesquisa relatam gastar **R\$ 200–300** com bebidas, alimentação e transporte por evento, valor que representa quase 20% do salário mínimo. Essa despesa, somada ao preço do ingresso, faz com que a cena permaneça relativamente elitizada. Mesmo assim, o público é fiel e disposto a investir em experiências de alta qualidade.

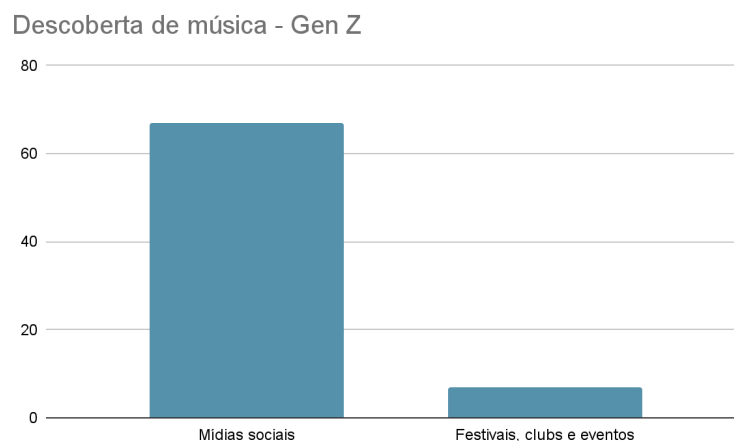
A Transformação da Experiência Musical Eletrônica: Do Coletivo ao Individual

A cultura da música eletrônica passou por uma transformação radical nas últimas duas décadas, migrando de uma experiência essencialmente coletiva e sensorial para um fenômeno cada vez mais individualizado e mediado por telas. Esta mudança paradigmática alterou não apenas como descobrimos música, mas fundamentalmente como a experimentamos e compartilhamos.

Da Pista de Dança às Redes Sociais

Tradicionalmente, os clubes noturnos, raves e festivais funcionavam como laboratórios culturais onde o público descobria novos sons através da curadoria de DJs experientes. Estes ambientes, caracterizados pela penumbra, sistemas de som potentes e multidões dançantes, criavam um contexto ritualístico onde a descoberta musical acontecia de forma orgânica e coletiva. Como observa Sarah Thornton em "Club Cultures" (1995), estes espaços funcionavam como "subculturas do gosto" onde o conhecimento musical era transmitido através da experiência compartilhada.

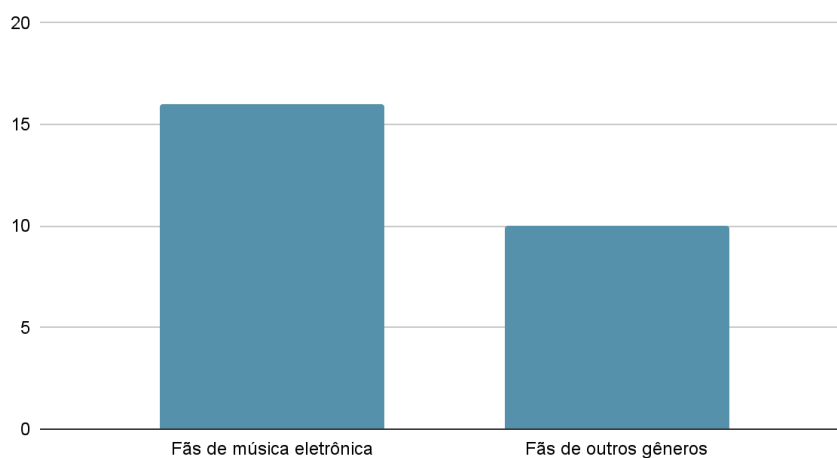
Contudo, a ascensão das plataformas digitais reconfigurou radicalmente este cenário. O Instagram e, posteriormente, o TikTok tornaram-se os principais vetores de descoberta musical para as gerações mais jovens. Segundo pesquisa da MIDiA Research (2022), 67% dos usuários da Geração Z descobrem nova música através de redes sociais, em contraste com apenas 7% que citam clubes e eventos ao vivo como fonte primária. Esta migração representa mais que uma mudança de canal, ela altera a própria natureza da experiência musical, fragmentando-a em cliques de 15 a 30 segundos otimizados para o scroll infinito.



Engajamento digital no Brasil na Música Eletrônica

Segundo dados da plataforma de streaming Spotify citados pelo portal Atlântida, os brasileiros estão entre os dez maiores consumidores mundiais de música eletrônica. Fãs do gênero ouvem **mais de 16 horas de música por semana**, muito acima das **10 horas** médias do consumidor comum, e gastam proporcionalmente mais dinheiro em música. Nas redes sociais, a hashtag **#ElectronicMusic** alcançou **13 bilhões de visualizações** no TikTok em 2024, número **45 %** maior que no ano anterior. Para descobrir novas músicas, 70% dos adolescentes brasileiros recorrem às redes sociais, especialmente TikTok e Instagram.

Consumo de música por semana (em horas)



[PARTE 3]

PERSPECTIVAS DE MERCADO: ANÁLISES, DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Os artistas e as tendências musicais

Vai longe o tempo em que as referências maiores do fã de música eletrônica brasileiro vinham dos EUA ou Europa. Os anos 2010 assistiram ao surgimento e consolidação de uma classe de DJs e produtores nacionais que conta hoje com milhões de fãs, encabeça lineups dos maiores festivais do Brasil e do mundo e garante com tranquilidade a venda de dezenas de milhares de ingressos.

Nos anos 1990 e 2000, pelo tamanho mais reduzido do mercado e acesso mais restrito à ferramentas e canais, havia uma linha direta entre o cenário underground e a casta mais bem-sucedida de DJs do país. Com a popularização da internet, das plataformas de divulgação, das redes sociais e dos softwares de produção, novos (hits de) sucessos começaram a surgir por toda a parte.

É nesse contexto descentralizado e de maior acesso que despontaram nomes como Vintage Culture, Liu e Mochakk, todos de cidades do interior do país que não contavam com cenas eletrônicas desenvolvidas.

A partir dos 2010, chegar à 1ª e segunda divisão na classificação dos artistas não requer necessariamente conhecer as pessoas “certas” ou ter raízes nos mundos alternativos de grandes centros.

Ao mesmo tempo, vale notar como outros nichos se interseccionam e alimentam o mercado da música eletrônica. A cena queer, que historicamente se relaciona com clubes e raves, segue como uma importante incubadora de talentos. Os universos do funk, do pop e das brasilidades também propiciam insumos sob a forma de sonoridades, artistas e feats ou colaborações.

Como exemplo de faceta prolífica e inovadora da música feita no Brasil, com grande potencial de exportação, está o cruzamento da música eletrônica do eixo house e techno com o funk brasileiro. Festas como Baile Lotadão, Mamba Negra e Submundo 808 e DJs como Mu540, Chediak, Victor Lou, Caio Prince, Bassani e Badsista representam a linha de frente dessa tendência.

Pode-se pensar no mapa de artistas eletrônicos brasileiros como tendo um topo da pirâmide onde habitam quatro artistas com mais de 1 milhão de seguidores no Instagram e forte carreira no Brasil e no exterior: Alok, Vintage Culture, Mochakk e Liu.

Depois, um segundo escalão, com nomes consistentemente populares e mais de 500k seguidores, incluindo Bhaskar, Anna, Dubdogz, Kvsh. Depois, um tier com artistas entre 100k e 500k de seguidores, como Eli Iwasa, Deekapz e Maz. Em seguida, vem o que seria o "midstream" da música eletrônica, ou o topo do underground, com artistas como Clementaum, Badsista e Curol.

Nome	Seguidores IG	Estilo/Genero
Alok	28.800.000	Dance-pop / Big room / Melodic HT
Vintage Culture	11.100.000	Melodic HT / Big room / tech-house
Mochakk	1.900.000	Tech-house / house
Liu	1.500.000	Tech-house / bass house
Dubdogz	895.000	Dance-pop / melodic house
Vegas	832.000	Psytrance
Kvsh	751.000	Big room / dance-pop
Illusionize	621.000	Tech-house / bass house
Renato Ratier	621.000	Tech-house / house
Bhaskar	518.000	House / Melodic house
ANNA	509.000	Techno / tech-house
Jessica Brankka	496.000	Tech-house / Melodic HT
Cat Dealers	493.000	Dance-pop / bass house
Maz	455.000	Afro house / Melodic HT / Organic
Chemical Surf	428.000	Tech-house / Melodic HT
Chapeleiro	440.000	Psytrance
Victor Lou	357.000	Tech-house / bass house
Blazy	310.000	Pystrance
Samhara	254.000	Dance-pop / big room
Gabe	288.000	Psytrance / prog house / Melodic HT
Beltran	249.000	Tech-house / house

Em termos de gêneros musicais, melodic techno e/ou house, tribal, afro house e bass house despontaram em anos recentes nos sets e identidades de muitos nomes, além dos perenes tech house, prog house, apenas house e psy trance. Essa avaliação é feita com base nos estilos tocados pelos 20 DJs com maior número de seguidores no Instagram. Ao mesmo tempo em que a internet abriu um enorme campo de possibilidades para novos talentos, o definhamento de cenas alternativas em várias cidades (inclusive São Paulo) é um fenômeno preocupante. Caracterizados por eventos ou espaços menores e com programação regular que costumam servir de plataforma de exposição e contato com o público para novos artistas, seu enfraquecimento compromete a experimentação e a inovação, vitais para levar a música adiante.

A Espetacularização da Experiência

Observamos uma transformação na própria concepção do que constitui um momento musical significativo. A experiência imersiva e contemplativa da pista de dança – onde o público se rendia ao fluxo hipnótico de sets extensos – cedeu espaço a momentos coreografados para captura digital. O "drop" tornou-se o momento supremo, não pela sua função na narrativa musical, mas pelo seu potencial viral quando combinado com efeitos visuais espetaculares.

Este fenômeno alinha-se com o conceito de "sociedade do espetáculo" de Guy Debord, onde a experiência autêntica é substituída por sua representação mediada. Mark Fisher, em "Capitalist Realism" (2009), identifica tendências similares na cultura contemporânea, onde a experiência vivida se subordina à sua documentação e disseminação digital.

O Impacto da Pandemia

A pandemia de COVID-19 acelerou dramaticamente as transformações. Entre 2020 e 2022, com clubes fechados e eventos presenciais suspensos, uma geração inteira experimentou sua introdução à música eletrônica exclusivamente através de telas. Este período coincidiu com a explosão do TikTok, que se tornou o principal catalisador de tendências musicais globais.

Pesquisas da Eventbrite (2023) indicam que jovens entre 18-24 anos que tiveram sua primeira exposição significativa à música eletrônica durante a pandemia demonstram comportamentos distintos em eventos presenciais: menor tolerância a sets longos, expectativa por momentos "instagramáveis" e tendência a interagir mais com seus dispositivos que com outros participantes.

Consequências Comportamentais

Esta transformação geracional manifesta-se concretamente no comportamento dos frequentadores de eventos. Observamos uma crescente demanda por experiências que "funcionem" nas redes sociais: instalações visuais impressionantes, momentos climáticos previsíveis e espaços designados para selfies e stories. A dança espontânea e prolongada – elemento central da cultura tradicional dos clubs – compete com a necessidade constante de documentação digital.

Simultaneamente, a atenção fragmentada cultivada pelas redes sociais impacta a receptividade a formatos musicais mais longos e experimentais. Sets de 6-8 horas, comuns na cultura underground, encontram resistência em públicos acostumados ao consumo acelerado e editorializado das plataformas digitais.

Esta transformação não representa necessariamente uma degradação da cultura eletrônica, mas sim sua adaptação às realidades comunicacionais contemporâneas. Contudo, ela levanta questões importantes sobre a perda de espaços de descoberta musical orgânica e de experiências coletivas profundamente imersivas.

O desafio para produtores, artistas e organizadores de eventos reside em encontrar pontos de equilíbrio que honrem tanto a herança comunitária da música eletrônica quanto às expectativas de conectividade digital das novas gerações. Talvez a solução esteja não na resistência às mudanças, mas na criação de novos formatos que integrem o melhor de ambos os mundos: a profundidade da experiência coletiva e a democratização do acesso proporcionada pelas tecnologias digitais.

Festivais, Festas, Clubs a perspectiva dos principais contratantes da música eletrônica Brasileira

A atividade de festivais, festas e clubs no Brasil se apresenta com grande concentração Sudeste, em especial na cidade de São Paulo, onde a maioria dos eventos, festivais e casas operam.

O estado de Santa Catarina tem um cenário em transição, onde o tradicional Warung - após ter sofrido um incêndio e ser reconstruído - por conta de questões com vizinhos - anuncia o encerramento de suas atividades e suas últimas datas. O Green Valley continua em pleno vapor, com shows de Michael Bibi, Martin Garrix, Rufus do Sol e grandes nomes, e o Surreal Park passa a receber festivais de até 15 mil pessoas, como o House Mag Festival, neste último mês de setembro.

O Rio de Janeiro, muito aquecido no fim de ano, verão e Carnaval, durante o ano tem um calendário ameno. Poucos eventos, como a Love Sessions e a Euphoria compõem o ano, e o D-edge RJ, com uma estrutura notável, vem preenchendo a cena clubber da cidade.

Em São Paulo, a cena de festas menores passa por alternâncias, depois de uma década em que festas alternativas com forte mensagem social e inovação musical como a Mamba Negra, ODD, Capslock ocuparam o calendário. Agora, perdem um pouco de tração e deixam espaços abertos para novas empreitadas, como a GRID, de hardstyle, a Submundo 808, e outras.

Também em São Paulo, entre os anos de 2024 e 2025, o calendário da música eletrônica destaca o retorno do **Tomorrowland Brasil**, além do continuado sucesso do festival **Só Track Boa** e o **Time Warp**. Outro aspecto é a grande presença de labels/brand parties consagradas internacionalmente, como **X**, **Afterlife**, **Circoloco** e **Keinemusik**, além de algumas turnês pontuais como Boris Brejcha & Solomon.

Sob a perspectiva da temporalidade, o verão brasileiro, em especial o período do Réveillon e o Carnaval ganharam muita força nos últimos anos, se consolidando como um período em que tours de grandes, médios e pequenos artistas acontecem em festas que se multiplicam, por todo o litoral brasileiro.

Na temporada de Réveillon, em especial, o Norte e Nordeste recebem festas e artistas internacionais em muitas cidades (como Milagres, Carneiros e Praia de Algodões, quando também acontece o Universo Paralello, a cada dois anos.

A moeda Real desvalorizada frente ao Dólar e Euro, investimentos altos para financiar a estrutura dos eventos, alta carga tributária e uma percepção de alto custo do ECAD são gargalos dos atuais players, e acabam por se tornar bem alta a barreira de entrada para novos contratantes e produtores, tal como a saudabilidade do ecossistema da música eletrônica.

Rock in Rio, The Town e Lollapalooza, festivais comandados pela Rock World e Live Nation BR, puxam turnês nacionais e continentais para outras praças em apresentações com The Chainsmokers, Peggy Gou e Deadmau5, Skrillex, DJ Snake e outros.

Sponsorship na música eletrônica

O showbiz em geral e historicamente no Brasil, tem uma boa experiência de penetração de marcas e sponsorship na cultura dos festivais, se comparado aos mercados internacionais.

Roberto Medina, criador do Rock in Rio, aponta esse fenômeno como "necessidade", já que também historicamente nossa moeda, economia e poder aquisitivo sempre esteve em patamares abaixo do necessário para as contratações e grandes turnês internacionais se viabilizarem - este gap, portanto, deveria ser suplementado pelos sponsors.

Hoje, festivais como o Rock in Rio, Lollapalooza e The Town são verdadeiros shoppings centers de marcas, que ali estampam suas campanhas, lançamentos e ativações de produtos e a relação com influenciadores.

Na outra ponta, em recorte de eventos menores, estas iniciativas, com muito esforço, se veem contempladas apenas com pequenos apoios de segmentos de empresas e marcas ligadas ao consumo nos próprios eventos, tais como cervejas, energéticos e alcoólicos. Mas, ao longo dos anos, se observa presenças pontuais de outras marcas em ações junto ao showbiz, fora dos grandes players, como no caso da Gop Tun, citado no capítulo anterior..

Recortando ainda mais para o universo da música eletrônica (e em eventos com razoável convergência com o gênero), a história mostra algumas iniciativas de naming rights, como foi o caso do desbravador Skol Beats (ano 2000), seguindo o Skol Sensations, o Nokia Trends, algumas fases do Tim Festival e mais recentemente o C6 Fest, com curadoria alternativa, mas com boa presença de DJs e música eletrônica.

Também já se percebe menos resistência com a eletrônica, como se mostra o caso do DJ Alok, estampando campanhas nacionais em televisão, de bancos (Banco do Brasil), carros (Fiat) e companhias telefônicas (Vivo). Mesmo sendo percebido como um artista pop, o caso do DJ Alok contribui, fura bolhas e abre espaços para novas incursões no sponsorship para o segmento da música eletrônica, seus artistas, labels e festivais.

A cauda longa do fã de música eletrônica no Brasil

Festivais como a XXXperience - que anunciou sua edição de 30 anos para 2026; e a Tribe (um pouco mais nova, mas também nascida nos anos 90), que teve seus ingressos esgotados em 2025 no venue Laroc & Ame, demonstram a notável permanência de frequentadores de 30+ e 40+.

Esse grupo é composto por pessoas que viveram a era das raves 1990 e 2000 e continua a participar do circuito, mesmo que mais pontualmente, demonstrando a cauda longa no perfil etário do consumidor de música eletrônica e a maturidade cultural do segmento.

Du Serena, fundador da Tribe, destacou que o festival teve o melhor ticket médio da história do Laroc e Ame e atribui esse resultado à forte presença do público 30+ e 40+, comprovando o potencial de consumo e importância econômica da permanência deste fã nos eventos.

Gen Z e a cultura clubber

Percebe-se que faixa significativa do público de música eletrônica tem perfil jovem (18 a 30), nascidos na GenZ, com pouco conhecimento sobre a cultura clubber, suas raízes e valores.

Este traço revela um desafio, mas também uma grande oportunidade para artistas, marcas e o ecossistema em si: engajar a Gen Z de maneira mais profunda, conectando-a à história e aos elementos culturais mais profundos do movimento eletrônico.

High-end vs Low-end

Na atualidade, o mercado brasileiro de música eletrônica se assemelha, de muitas formas, à tendência já apontada no IMS Business Report 2025 (print abaixo).

Os grandes shows e turnês de artistas *high-end* estão bastante consolidadas, com especial destaque à presença das labels internacionais e alguns artistas (como a X, Keinemusik e Solomun, por exemplo). Ao passo que pequenas e médias produções, e tours de artistas menores sofrem com os altos custos, pouca atratividade e tem sua sustentabilidade comprometida.

The post-Covid recalibration is done, and live music has come out on top. Revenue growth normalised in 2024, but with revenues more than double what they were pre-Covid. Growth was boosted by pre-sales for 2025 tours. However, higher ticket prices were the main driver of growth rather than volume of tickets sold.

The higher end did best, with big tours at big venues and high-priced tickets boosting revenues, while the lower end of the market faces venue closures and lower willingness and ability to spend by many consumers.



[PARTE 4]

TAKEAWAYS

1. A música eletrônica e sua natureza de unir

A gramática da música eletrônica apresenta uma distinção de natureza intrínseca que é sua enorme capacidade para se misturar, unir estilos, formas e culturas. Ela se destaca frente aos demais gêneros e culturas musicais por esse aspecto “guarda-chuva”, quase como um mediador que proporciona o entendimento e harmonia entre dois campos. É da música eletrônica a origem técnica dos remixes, mashups e os meios eletrônicos de produção - por onde todas estas trocas se habilitam e acontecem. Quando se une esta capacidade ao mercado brasileiro da música em geral, multicultural, com enormes audiências nas plataformas de streaming e presenças em shows e festivais, como vimos, não há como deixar de salientar a recomendação maior deste estudo: que é imperativo que se amplie as formas de buscar crossovers, conexões e parcerias com gêneros e artistas locais - para o crescimento do alcance do repertório de artistas música eletrônica internacional. Essa visão precisa estar mais solidificada e há diversos caminhos para se executá-la.

2. O ECAD

Apesar da amplamente reconhecida legitimidade em relação ao direito dos autores e compositores em suas obras, se mostra notável a necessidade de aproximação maior do ECAD com a comunidade de música eletrônica, potencialmente através do fomento da UBC, de forma a difundir mais amplamente os métodos e critérios de arrecadação e distribuição.

3. A importância do levantamento de dados

Constatamos ao longo da pesquisa para este mapeamento que o mercado da música eletrônica brasileira, infelizmente, carece de levantamentos mais aprofundados, com rigor estatístico. Faltam dados secundários isentos e fiáveis ou mesmo estimativas sobre o impacto econômico do segmento, desempenho ano a ano, faturamento dos eventos e execução pública que se relacionam com o universo dos produtores de música eletrônica. Este último item é especialmente problemático para o contexto da arrecadação e pagamento de direitos autorais dentro desse setor. Promover, em articulação com outros players, estudos recorrentes (como já houve no BRMC entre 2019 e 2022, e que

se vê no IMS Ibiza, em termos globais), é um ativo fundamental para a compreensão dos gaps, oportunidades e direcionamentos deste mercado. Dentre as estratégias a serem implementadas, destacamos o tecimento de parcerias fortes com as plataformas de streaming e ticketeiras, com o recorte do mercado da música eletrônica, de forma a nutrir esses números de forma constante ao longo das temporadas.

4. Necessidade de fortalecimento do ecossistema da música eletrônica

Falar em “ecossistema da música eletrônica” não é apenas uma metáfora.

É reconhecer que se trata de um sistema vivo, interdependente, formado a partir de criadores, artistas, produtores, passando por curadores, casas de show, selos, festivais, clubs, plataformas, políticas públicas, ticketeiras, hubs de conteúdo, formação e educação, técnicos; patrocinadores, agências e marcas de outros segmentos que se relacionam com a audiência; mídia, jornalistas, editoras, até alcançar o fã e o público em geral.

Cada segmento listado tem sua dinâmica e desafios. Manter a saudabilidade de todos eles, em harmonia e conectados, requer fomento através de iniciativas de educação, formação e crítica especializada, cobrindo suas particularidades e encaminhamentos estratégicos.

Se antes esse ecossistema era inevitavelmente associado à noite, hoje ele se mostra presente nos mais variados turnos, formatos e atmosferas, para um público igualmente diverso, seja no aspecto comportamental, demográfico, socioeconômico ou mesmo religioso.

Conferências, workshops e iniciativas de fomento à conexão são nutrientes essenciais para a saúde deste organismo, assim como uma representação adequada, que atue no desenvolvimento de políticas públicas capazes de conciliar as necessidades e interesses compartilhados pelo segmento com o de outros setores da sociedade.

5. Oportunidade para uma visão colaborativa, construtiva e estratégica ao invés de uma extrativista

Muitas marcas de eventos e festivais consolidadas na Europa e EUA não vingaram no Brasil ao longo dos últimos anos, como demonstramos na PARTE 5

(item 5.2) do Mapeamento - incluindo Ultra, Sonar, Primavera, Creamfields e EDC. Há diversos fatores que podem pautar as causas, envolvendo aspectos econômicos, calendário, praça, venues e line-up. No entanto, a razão mais emblemática e que permeia todas as demais, trata-se da visão extrativista e pouco estratégica no sentido da integração aos valores e aspectos da cultura local. Isso se dá em termos dos festivais, mas também com os artistas internacionais em suas tours. Percebemos a consolidação dos tours, recorrência, mas um gap com muitas oportunidades a se desenvolver no âmbito do gerenciamento do artista para a conexão genuína com a audiência, cultura, sponsorship e outros artistas nacionais, de forma a exponencializar a visibilidade com a vinda ao Brasil e conseqüentemente o fomento de outras receitas colaterais, além do cachê.

6. Potencial latente na riqueza musical brasileira

Para artistas, a música brasileira continua sendo um manancial riquíssimo de inovação estética, ritmos interessantes e linguagens diversas. Basta pensar em como a música do país de diversos períodos alimenta de samples o rap e a música eletrônica mundial. Se familiarizar com esse imenso catálogo pode ser benéfico para artistas eletrônicos que estejam querendo expandir sua paleta de referências.

[PARTE 5]

MAPEAMENTO DO ECOSSISTEMA DA MÚSICA ELETRÔNICA

O objetivo desta seção é listar os key players em categorias selecionadas, considerando critérios de relevância, volume de atividade, penetração, audiência e visibilidade da música eletrônica brasileira em 2025.

Foram selecionadas as seguintes categorias:

5.1 - Festivais, festas e labels (tours)

5.1.1 - Marcas nacionais

5.1.2 - Marcas internacionais

5.1.3 - Festivais multigêneros com presença de música eletrônica

5.2 - Festivais Internacionais – NÃO tiveram continuidade no BR

5.3 - Casas, Clubs e Superclubs

5.4 - Artistas e Produtores

5.5 - Booking Agencies

5.6 - Ticketeiras

5.7 - Mídia, Conferências e Formação

5.1 - Festivais (especializados em música eletrônica; multi gêneros com forte presença de música eletrônica); festas e turnês de artistas e labels de música eletrônica em atuação no Brasil em 2025.

5.1.1) Marcas nacionais

- **Só Track Boa (STB)** — Festival de house/techno com edições em estádios e line-ups mainstream da cena brasileira, tradicionalmente realizado em São Paulo (SP) e com edições no Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR) e outras cidades. O festival, que completou 10 anos em 2024, tem como sócio o artista Vintage Culture e já trouxe nomes internacionais de destaque como Claptone, Meduza, Fisher, CamelPhat, Chris Lake, Gorgon City, Tinlicker, Solardo, Eli & Fur e Yotto.
- **Universo Paralelo** — Festival de réveillon de longa duração em Pratigi/BA, com foco em psy/progressivo e cultura alternativa.
- **Warung Day Festival** — Evento realizado em Curitiba/PR, com curadoria sofisticada de techno/house em arenas icônicas.
- **BOMA** — Festival com edições no RJ, SP, PR e DF, reunindo grandes nomes do cenário eletrônico nacional. Realizado pela produtora e agência Entourage.
- **XXXperience** — Tradicional festival multistage de psy/techno/house em SP
- **Tribe** — Pioneiro em psy/prog ao ar livre, realizado em SP, com forte memória de marca.
- **Gop Tun** - Coletivo e selo paulista reconhecido por festas de música eletrônica em São Paulo, com curadoria variada em house e techno. Recentemente, trouxe artistas internacionais de destaque, como Ben UFO e Four Tet, para suas edições.
- **Festival Não Existe** — Evento inovador do núcleo Gop Tun, com foco em experiências imersivas de house e techno, Conhecido por line-ups ousados, como o festival aposta em cenografia diferenciada e propostas fora do convencional, atraindo público engajado e visibilidade crescente no cenário eletrônico nacional.
- **House Mag Festival** — Festival de house/techno em expansão em Santa Catarina, na edição de 2025 levou mais de 16 mil pessoas ao Surreal Park, em SC.
- **Love Sessions Festival** — Evento de médio porte no RJ, dedicado à experiência em house/tech, normalmente acontece em dezembro
- **Abstract Festival** — Realizado anualmente em junho, em Goiânia/GO, com foco em techno/house urbano.

- **Euphoria** — Selo/festa carioca que amplia datas e line-ups de tech-house no RJ.
- **Insônia** — Festival no RJ, com público de 8 a 10 mil pessoas.
- **O Baile Lotadão** - é um fenômeno cultural e uma festa que une o funk e house music, criado pelos DJs Victor Lou e DJ GBR. Já passou por diversas cidades pelo Brasil e até pelo festival The Town.
- **Submundo 808** — Festival focado na valorização do cenário eletrônico nacional, um dos nomes mais importantes na convergência do funk, bass music e house e techno.
- **Mamba Negra** — Coletivo e selo paulistano, referência em festas e ocupações urbanas de techno e house, com forte posicionamento cultural e diversidade.
- **Batekoo** — Plataforma e festa que celebra a cultura negra e LGBTQIA +, unindo música eletrônica, funk e ritmos urbanos.
- **Capslock** — Festa itinerante conhecida por ocupar espaços inusitados em São Paulo, com proposta underground e livre de house e techno.
- **Selvagem** — Com quase 15 anos de história, festa e selo que se expande para experiências musicais diversas na atualidade.
- **Cardume** — Coletivo de São Paulo voltado para festas imersivas e line-ups alternativos de música eletrônica, atuando em diferentes cidades.
- **Novo Affair** — Festa dedicada à cena house/techno, reconhecida pela seleção musical refinada e ambientes diferenciados.

5.1.2) Marcas internacionais/labels

- **Tomorrowland Brasil** — Realizado no Parque Maeda, em Itu/SP, o festival traz uma superprodução global de EDM/house/techno.
- **Time Warp** — Edição brasileira da franquia alemã de techno, vem se estabelecendo com grande sucesso e reconhecimento em São Paulo, em parceria com a Entourage.
- **Circoloco** — Marca icônica de Ibiza, retorna ao Brasil em 2025, em São Paulo.
- **Afterlife** — Label de Tale Of Us, presença consolidada na América Latina com eventos em São Paulo.
- **X** — Label do duo Adriatique, com edições em São Paulo. Em 2025 reuniu mais de 20 mil pessoas no Vale do Anhangabaú.
- **Keinemusik** — Coletivo formado por Rampa, &ME e Adam Port, realiza tours recorrentes no Brasil.

- **Music On** — Projeto de Marco Carola, com datas brasileiras e presença na América Latina.
- **Day Zero** — Festival internacional criado por Damian Lazarus, originalmente realizado em Tulum, México. Em 2025, o Day Zero faz sua estreia no Brasil em São Miguel dos Milagres, Alagoas. O evento tem planos de se estabelecer de forma permanente no calendário nacional.
- **Innervisions** — Label alemã referência em techno/house, com liderança de Dixon, com eventos pontuais no Brasil.

5.1.3) Festivais multigênero (com forte presença de música eletrônica)

- **Lollapalooza** — Festival multicultural com palco dedicado à música eletrônica.
- **Rock in Rio** — Um dos maiores festivais do mundo, inclui line-ups eletrônicas de destaque.
- **The Town** — Realizado em São Paulo, traz forte presença de artistas eletrônicos.
- **C6 Fest** — Festival multigênero com curadoria e boa presença de música eletrônica.
- **Planeta Atlântida** – Festival tradicional no RS, sempre apresentou nomes consagrados de música eletrônica em seu repertório

5.2) Festivais Internacionais – não estabelecidos no BR ao longo dos anos

- **Creamfields** — Edições pontuais nos anos 2000, não se fixou no calendário.
- **Sónar São Paulo** — Passagens em 2004/2012/2013, sem continuidade recente.
- **Ultra Brasil** — Edições em 2008 (SP e BH), 2010 e 2011 (SP), 2016 e 2017 (RJ) e último retorno em 2023 (SP), mas sem cadência anual nem regularidade de praça.
- **DGTL** — Festival holandês com posicionamento voltado para sustentabilidade e curadoria de techno e house. Teve edições em 2017, 2018, 2019, 2022, 2023, 2024, realizadas por 3 diferentes organizações locais, e a edição de 2025 foi cancelada.
- **Dekmantel** — Edições 2017–2019; não se fixou como série anual.
- **Primavera Sound** — Chegou em 2022, multi-gênero, mas não posicionado como recorrente eletrônico puro.
- **Electric Zoo** — Festival de música eletrônica originado em Nova York, com edições itinerantes; ainda não se consolidou no Brasil.
- **EDC — Electric Daisy Carnival**, megaevento global, realizou uma edição no país, mas sem continuidade.
- **Milk Shake** — Festival voltado à diversidade, passou pelo Brasil em edições únicas, sem recorrência no calendário nacional.

5.3) Casas, Clubs e Superclubs

- **Laroc (Valinhos, SP)** — Considerado um dos principais sunset clubs do Brasil, localizado no interior paulista. Destaca-se por sua infraestrutura, poderosos line-ups e atmosfera de festival, sendo referência em experiências ao ar livre.
- **Ame Club (Valinhos, SP)** — Vizinho e muitas vezes aberto junto ao Laroc, também em São Paulo, é focado em techno e house. Ganhou reconhecimento pela curadoria musical e ambiente, atraindo público fiel da música eletrônica.
- **Surreal Park (Camboriú, SC)** — Megacomplexo em Santa Catarina com 135 mil m², combina múltiplos palcos, cenografia de festival e experiências imersivas. Diferencia-se pela estrutura grandiosa e eventos que vão além da música, tornando-se polo de inovação na cena eletrônica.
- **Green Valley (Camboriú, SC)** — Club catarinense consagrado internacionalmente, reconhecido diversas vezes como um dos melhores do mundo. Destaca-se pela ambientação natural e grandes produções, sendo ícone absoluto da cena eletrônica brasileira.
- **D-EDGE Rio (RJ)** — Braço carioca da renomada marca paulistana, destaca-se pelo sistema de som e iluminação de ponta, ambiente futurista e line-ups de relevância internacional, compondo o eixo da música eletrônica no Rio de Janeiro.
- **D-EDGE São Paulo (SP)** — Club referência na capital paulista, famoso pela arquitetura inovadora, tecnologia de áudio e luz, e vanguarda musical, sendo polo da cena underground eletrônica no Brasil.
- **GATE (Campinas, SP)** — Localizado no interior paulista, se diferencia por ser club de médio porte com foco em line-ups diversificados e atmosfera acolhedora, atraindo público da região com propostas inovadoras.
- **Privilège (Búzios, RJ)** — Localizado na região dos Lagos do Rio de Janeiro, é referência em festas sofisticadas à beira-mar, com forte presença de música eletrônica e público seletivo, além de ser símbolo do lifestyle noturno de Búzios.
- **Matahari (Indaial, SC)** — Situado no Vale Europeu de Santa Catarina, é tradicional no segmento house e techno. Seu diferencial está na atmosfera acolhedora e na forte ligação com a cultura regional, sendo referência há anos na cena local.
- **The Garden (Joinville, SC)** — Club boutique focado em house e tech, localizado em Joinville, SC. Destaca-se pelo design sofisticado, pista intimista e programação musical voltada a experiências sensoriais exclusivas.

- **Posh (Florianópolis, SC)** — High-end club instalado em Jurerê Internacional, Florianópolis. Famoso pelas temporadas de verão, recebe grandes turnês e artistas internacionais, consolidando o balneário como destino de luxo para música eletrônica.
- **Vibe (Curitiba, PR)** — Ícone nacional desde 2001, situado no Paraná. Tem como diferencial a curadoria musical inovadora e programação de qualidade, mantendo-se relevante no cenário eletrônico brasileiro ao longo das décadas.
- **Club 415 (Nova Lima, MG)** — Estrutura de grande porte na região metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Destaca-se pela parceria com o club Laroc e por abrigar eventos de grande escala, sendo referência no Sudeste.
- **El Fortin (Porto Belo, SC)** — Situado em Santa Catarina, é reconhecido pelo ambiente descontraído e festas temáticas, tornando-se ponto de encontro de amantes da música eletrônica no litoral.
- **Terraza (SC)** — Club catarinense especializado em techno e house, com programação voltada à valorização da cena underground e estrutura moderna que favorece experiências imersivas.

5.4) Artistas / Produtores

Nomes com forte presença nas listas e rankings nacionais, prestígio no cenário, grande número de seguidores nas plataformas e revelações e apostas do midstream nacional em 2025.

- **Alok** — Ícone do crossover mainstream (pop/EDM), com alto impacto de streaming e grande influência de marcas.
- **Vintage Culture** — headliner global em todos os grandes festivais, destaque em vendas de bilhetes no Brasil e no exterior.
- **Mochakk** — Ascensão meteórica no tech-house, conhecido por performances virais e energia contagiante
- **Liu** — Nome consolidado do progressive / future house, com diversos hits em streaming e presença em grandes eventos no Brasil e fora dele.
- **Dubdogz** — Dupla mineira, versátil, conhecida por hits no eletrônico e destaque internacional.
- **Vegas** — Referência nacional do psytrance, presença garantida nos maiores festivais do gênero.
- **KVSH** — Produtor de destaque, conhecido por hits nacionais, muitos em cruzamentos com outros gêneros; e participação em grandes festivais.
- **Illusionize** — DJ e produtor de destaque no bass e house, figura constante em grandes festivais.
- **Ratier** - Dj e produtor que passou por gerações, proprietário dos clubs d-edge RJ, SP e Surreal Park, em SC;
- **Bhaskar** — Destaque no house/progressive, colaborador frequente com DJ Alok e presença marcante em festivais.
- **ANNA** — Nome internacional da cena techno, atualmente também reconhecida por pesquisa sonora em low-BPM e house orgânico.
- **Jessica Brankka** - revelação da nova safra de DJs brasileiros
- **Cat Dealers** — Dupla carioca de EDM, presença constante nos principais festivais nacionais e internacionais.

- **Maz** — Proeminente no afrohouse e representante do selo Dawnpatrol, com destaque em plataformas de streaming e atuação em clubs/festivais.
- **Samhara** - Destaque em eventos open format e de outras vertentes, presença em grandes festivais.
- **Chemical Surf** — Irmãos produtores, versáteis do house ao techno, atuando em festivais globais.
- **Victor Lou** — Nome forte do groove/bass house, presença marcante em clubs e festas nacionais.
- **Blazy** — Nome consolidado do psytrance brasileiro, reconhecido por sua energia em pistas.
- **Gabe** — Referência do tech-house brasileiro, com carreira sólida e influência no cenário eletrônico.
- **Beltran** - autor de hits globais, forte nas plataformas, referência da nova cena de house e techno do Brasil.
- **Gui Boratto** — Referência autoral de house/techno melódico, importante elo entre a cena brasileira e europeia.
- **Antdot** — Nova geração do house e afrohouse, representante do selo Dawnpatrol, forte em streaming e presença em eventos de destaque.
- **Malive** — Novo expoente do cenário eletrônico, conhecido por produções inovadoras e performance marcante em clubs.
- **Unfazed** — Produtor e DJ em ascensão, conquistando espaço nos principais charts e bookings nacionais.
- **Zeerb** - Revelação, colaborações internacionais e grandes hits
- **Carola** — DJ e produtora de destaque, reconhecida por performances enérgicas e presença em festivais importantes.
- **Kiko Franco** — Produtor e DJ de destaque no house nacional, conhecido por colaborações de sucesso e atuação em grandes festivais.
- **Bruno Be** — Nome forte da geração house/tech-house, com ampla presença em streaming e eventos.

- **Mila Journée** — Destaque emergente nos charts e line-ups nacionais.
- **Classmatic** — Novo nome em ascensão, com presença crescente em charts
- **Fancy Inc** — Duo em destaque, presente nos principais lançamentos e eventos da cena eletrônica.
- **Department** — Projeto emergente, ganhando notoriedade nos bookings e charts nacionais.
- **Dre Guazzelli** — Bastante ativo na cena alternativa, realiza também eventos autorais
- **BINARYH** — Dupla paulistana de techno melódico, considerada precursora do estilo
- **Fractall** — Produtor e DJ de house progressivo, destaque em bookings e colaborações.
- **Clementaum** - Estouro da cena queer, destaque no Boiler Room gravado no Primavera Sound espanhol, a DJ paranaense vem ascendendo rapidamente com seu som entre tribal, funk e house.
- **L_cio** - Produtor musical e flautista consagrado no underground e além, parte do casting do D.O.C., selo de Gui Boratto. Dono de uma sonoridade melódica e refinada.
- **DJ Marky** - Ícone global da discotecagem, o veterano Marky segue lotando pistas dentro e fora do Brasil, tocando drum'n'bass, house, disco ou música brasileira.
- **Eli Iwasa** - DJ e empresária que tem longa história na cena brasileira. Nos anos 2010, ela começou sua ascensão para se consolidar como um dos maiores nomes do país.
- **RHR** - Produtor e DJ que mescla techno, breakbeat e funk em sets e produções. Se apresentou no Dekmantel e Sonar. Em 2025, excursionou por Europa e Ásia.
- **Curoi** - A DJ de Belo Horizonte se firmou como expoente do afro-house no Brasil, com performances Keinemusik, Tomorrowland e ADE
- **Ashibah** - DJ, cantora e produtora musical dinamarquesa-egípcia radicada no Brasil. Colaborou com Vintage Culture e lançou pelos selos Anjunabeats e Defected.
- **Badsista** - Ícone queer, Badsista foi eleito um dos produtores do ano pela Mixmag britânica em 2023. Mescla house, funk e bass music, produzindo nomes como Jaloo, Linn da Quebrada e Kelela.
- **Deekapz** - Dupla que navega por um som diverso, entre house, breaks, funk, rap e soul. Seu primeiro álbum Deekapz FM traz convidados como Marky, Criolo e Urias

5.5) Agências de Booking

- **Entourage** — Casting amplo, grandes nomes do cenário como Vintage Culture, Mochakk e Anna; operação de bookings nacionais, internacionais e grandes produções. Liderada por Albie Bahia e Guga Trevisani
- **BOX Talents** — presença forte em mainstream eletrônico.
- **Plusnetwork & Alpha Bookings** — Plusnetwork tem grande prestígio e é referência em bookings internacionais e projetos de grande porte no segmento eletrônico; agora em operação conjunta com a Alpha Bookings do grupo Live.
- **Panorama & Atomic Soda** — Representação BR-EU, com roster nacional e internacional; conta com profissionais experientes do mercado de bookings como Klauss Goulart e Denise Klein
- **DM7 Bookings** — Gestão com base em SP, casting com força no segmento psy.
- **Coral** — Agência boutique ligada ao Gop Tun, curadoria autoral.
- **Season Bookings** — Foco em psy/prog/techno; gestão de bookings.
- **Coral 360** – Agência ligada ao grupo Laroc e Ame;
- **Alliance Agency** - Representação da DJ Eli Iwasa com nomes em ascensão
- **Liminal** - Agência com casting ligado ao techno e segmentos do underground
- **Smartbiz** - Agência com mais de duas décadas de atuação, variado casting

5.6) Ticketeiras

- **Ingresso** — Presença em shows/festas de vários estilos, app difundido.
- **Sympla** — Plataforma massiva e multissegmento, ferramentas para produtores.
- **Shotgun** — Plataforma francesa, com presença mais recente no país em relação a outros players. Forte em clubs/festas; expansão de pagamentos.

5.7) Mídia, Conferências & Formação

- **House Mag** — principal plataforma editorial brasileira de música eletrônica, com curadoria de notícias, entrevistas e listas como “Top DJs Brasil”.
- **Alataj** — hub de conteúdo focado em house/techno e cultura de pista, com matérias autorais e cobertura de eventos underground.
- **DJBan** — escola de DJs e produção musical em São Paulo; pioneira em cursos presenciais e online para formação técnica.
- **AIMEC (Academia Internacional de Música Eletrônica)** — rede de escolas com unidades no Brasil e exterior; ensina DJing e produção musical em vários níveis.
- **Methodus DJ** — Escola de DJs localizada em São Paulo. Promove workshops abertos e eventos de networking.
- **Hot Beats Conference (HBC)** - realizada pelo segundo ano no Rio de Janeiro, promove debates sobre tendências no mercado de música eletrônica;
- **WME (Women 's Music Event)** — conferência e hub de mídia que promove diversidade e inclusão na música eletrônica e na indústria musical.
- **Groove Mag** - canal de notícias do universo da música eletrônica, situado em Curitiba/PR.
- **Rádio Veneno Live** — Transmissões ao vivo e arquivo focado em música eletrônica de diversas vertentes.

[PARTE 6]

VOZES DO MERCADO: INSIGHTS E CITAÇÕES

Entre os dias 18 e 24 de setembro de 2025, conversamos com cerca de 30 influentes players do mercado da música eletrônica no Brasil - incluindo artistas, produtores, ECAD, ticketeiras, jornalistas e veículos especializados, entre outros.

Selecionamos insights e um conjunto de citações que enriquecem e amplificam o conteúdo deste relatório, a partir dos quais obtivemos alguns achados:

6.1 Insights

6.1.1. Cadência mais moderada de turnês internacionais e fortalecimento da cena nacional:

A maioria dos participantes percebe uma leve redução nas turnês de artistas internacionais, causada principalmente pelo aumento dos custos (câmbio, logística, impostos) e pela desvalorização da moeda.

Isso levou produtores a apostarem mais em artistas nacionais, que ganharam protagonismo e passaram a sustentar grandes eventos por conta própria.

O fortalecimento da cena local é visto como positivo para o amadurecimento do mercado brasileiro, tornando-o menos dependente de headliners estrangeiros.

6.1.2. Oportunidades e desafios do mercado brasileiro de música eletrônica:

Oportunidades

- Aparecimento de festas autorais como laboratórios de inovação e formação de público.
- Possibilidade de expansão para novas praças fora do eixo RJ-SP e SC (ex: BH, Brasília e o Nordeste).
- Parcerias e colaborações entre produtores, labels e artistas nacionais e internacionais, promovendo intercâmbio e visibilidade global.

Desafios

- Sustentabilidade financeira diante de custos elevados e imprevisibilidade na venda de ingressos.
- Fragmentação do mercado e necessidade de maior cooperação entre agentes.
- Renovação do público, com a geração Z consumindo eventos e música de forma diferente.

6.1.3. Perfil e renovação do público de música eletrônica

O público é jovem, diverso, conectado e exigente. Busca experiências completas (sensorial, visual, pertencimento, lifestyle), não apenas a música. Há uma crescente preocupação com bem-estar, saúde e consumo responsável. A renovação ocorre, mas é um desafio: a nova geração chega por outros caminhos (redes sociais, experiências digitais, eventos diurnos) e tem hábitos diferentes, menos centrados na noite e no consumo de álcool. Valorizam autenticidade, originalidade e conexão real com artistas e eventos.

6.1.4. Espaço fora dos grandes eventos e festivais

Clubs, festas independentes e coletivos locais são fundamentais para a renovação da cena, formação de artistas e experimentação. Esses espaços funcionam como laboratórios e são essenciais para a diversidade e sustentabilidade do ecossistema. Muitos clubes fecharam nos últimos anos, o que fragiliza a renovação, mas há otimismo com novas iniciativas e formatos.

6.1.5. ECAD e direitos autorais

A maioria vê o ECAD como importante, mas com grandes desafios de adequação à realidade da música eletrônica (remixes, sets ao vivo, eventos menores). Há pedidos por maior aproximação, comunicação e uso de tecnologia para garantir repasses justos.

6.1.6. Participação internacional e colaboração

Parcerias reais (remixes, featurings, eventos conjuntos) são vistas como o caminho mais estratégico para ampliar a audiência e valorizar catálogos. Labels e editoras internacionais devem investir em colaborações e apoiar projetos locais, não apenas vender shows. O Brasil é visto como mercado criativo e relevante, capaz de exportar talentos e influenciar tendências globais.

6.1.7. Artistas promissores e tendências

Nomes como Maz, Mochakk, Vintage Culture, Clementaum, Zopelar, entre outros, aparecem repetidamente como exemplos de originalidade, conexão com o público e projeção internacional. A nova geração de artistas se destaca pela identidade própria, diversidade e capacidade de dialogar com o mercado global.

Esses insights mostram um mercado em transformação, mais maduro, colaborativo e atento às mudanças de comportamento do público e às oportunidades de inovação.

6.2 Citações

6.2.1. Mercado e Transformações Pós-Pandemia

- “O mercado mudou muito depois da pandemia. Só tem espaço agora pro que é mega; pro que é gigante. O espaço para o novo, para o experimental, foi encolhendo em meio à cultura dos números.”
— Chico Dub, sobre concentração de investimentos e desafios para inovação.
- “O Brasil, apesar de continuar sendo um dos principais mercados de música eletrônica e criatividade musical do mundo, perdeu espaço no mapa por uma combinação de fatores: poder de compra enfraquecido, custos logísticos crescentes, troca de geração sem passar bastão.”
— João Vitor De Sá, sobre desafios conjunturais e estruturais do setor.
- “A alta do dólar, o aumento dos cachês e os custos de logística e estrutura, junto com a queda do poder aquisitivo do público, fizeram os eventos se adaptarem, priorizando artistas nacionais.”
— Antonio da Silveira Neto, sobre nacionalização do line-up.
- “Os grandes festivais ganharam protagonismo, concentram artistas internacionais e diluem o custo. Já os eventos independentes passaram a girar em torno de artistas nacionais, que hoje são capazes de sustentar grandes bilheterias.”
— Guto Maschi, sobre o papel dos festivais e a ascensão do artista nacional.

6.2.2. Fortalecimento da Cena Nacional e Protagonismo Brasileiro

- “Hoje, os brasileiros são as ‘grandes atrações internacionais’.”
— Antonio da Silveira Neto, sobre exportação de talentos.

- “O público já não depende exclusivamente de nomes internacionais para se interessar por um show; em muitos casos, a atração principal pode ser nacional e ainda assim movimentar grandes plateias.”
— Carolina Campos, sobre maturidade do mercado interno.
 - “O crescimento dos artistas brasileiros acabou reduzindo a necessidade de atrações internacionais, especialmente na música eletrônica.”
— Antonio da Silveira Neto, sobre independência do mercado nacional.
-

6.2.3. Internacionalização e Colaborações

- “Artistas, labels e editoras internacionais podem ampliar sua presença no Brasil não apenas trazendo turnês, mas investindo em colaborações com artistas locais, explorando a riqueza cultural do país e adaptando seus catálogos a essa diversidade.”
— Carolina Campos, sobre internacionalização e intercâmbio.
 - “O caminho é a colaboração genuína com o ecossistema local. Não basta ‘licenciar’ a música — é sobre co-criar com a cena local.”
— Sophia Simon, sobre parcerias estratégicas.
 - “Labels e editoras internacionais podem ser catalisadores dessa mudança, estimulando a colaboração entre agentes que, sozinhos, dificilmente conseguiriam alcançar escala.”
— Guto Maschi, sobre necessidade de visão coletiva.
-

6.2.4. ECAD e Direitos Autorais

- “O ECAD tem um papel essencial, garantindo a arrecadação e a distribuição justa dos direitos autorais na execução pública. Ainda não é 100%, mas hoje a atuação do ECAD é fundamental para consolidar o reconhecimento do gênero na indústria.”
— Antonio da Silveira Neto, sobre desafios e avanços em direitos autorais.
- “Vejo a participação do ECAD como essencial, mas ainda marcada por desafios em termos de transparência e diálogo com os profissionais da música eletrônica.”
— Denise Klein, sobre necessidade de modernização e diálogo.
- “Na prática, o ECAD apenas onera os eventos ao retirar um recurso precioso, sem que haja retorno efetivo para a cena ou para os artistas envolvidos.”
— Fabio Brandão, traz crítica relevante ao debate do relatório.

6.2.5. Espaço Fora dos Grandes Eventos

- “O espaço da música eletrônica fora dos grandes eventos e festivais é fundamental para a vitalidade e a renovação da cena. É nesses contextos menores como clubs, festas autorais e coletivos locais que surgem novas propostas, artistas e formas mais autênticas de conexão com o público.”
— Denise Klein, sobre importância dos pequenos núcleos.
 - “A música eletrônica cresceu muito no Brasil nas últimas décadas e conquistou um público fiel, mas ainda não consolidou plenamente seu espaço fora dos grandes eventos e festivais.”
— Fabio Brandão, sobre desafios de capilaridade.
-

6.2.6. Público: Características e Renovação

- “Hoje o público de música eletrônica no Brasil pode ser descrito a partir de três características centrais: jovem e conectado, experiencial e plural.”
— Guto Maschi, sobre o perfil do público
 - “O público de música eletrônica é apaixonado, participativo e protetor. Os fãs interagem muito com os artistas nas redes sociais, apoiam seus ídolos e se envolvem de forma ativa em lançamentos e shows.”
— Antonio da Silveira Neto, sobre engajamento digital.
 - “A renovação desse público ainda é um desafio, já que a maioria chega pela via do entretenimento massivo e não pela construção de uma cultura musical mais sólida.”
— João Vitor De Sá, sobre formação de público.
 - “A diversidade se reflete tanto na origem quanto nos perfis culturais. Há uma presença maior de públicos periféricos, LGBTQIA+ e de diferentes faixas etárias, o que tem enriquecido a cena.”
— Denise Klein, sobre diversidade.
-

6.2.7. Desafios e Oportunidades

- “O maior desafio tem sido equilibrar as contas e garantir a venda de ingressos necessária para que as festas se mantenham sustentáveis.”
— Pedro Gariani, sobre sustentabilidade financeira.

- “O desafio continua sendo equilibrar custos altos, câmbio desfavorável e um público cada vez mais exigente, mas vejo o momento com bastante otimismo para a cena eletrônica no Brasil.”
— Diogo Andrade Teles, amplificando o diagnóstico do relatório.
 - “A oportunidade está justamente em criar modelos inovadores de produção, parcerias locais e projetos que dialoguem com públicos diversos, ajudando a construir uma cena mais autossuficiente.”
— João Vitor De Sá, sobre inovação e autossuficiência.
-

6.2.8. Perspectivas Regionais e Inclusão

- “O eletrônico está cada vez mais difuso. Antes restrito a festivais e clubs, hoje aparece em festas independentes, rooftops, restaurantes, ativações de marcas e até no Carnaval. O gênero virou lifestyle, conectado à moda, gastronomia e turismo.”
— Sophia Simon, sobre expansão territorial e cultural.)
 - “A música eletrônica pode ocupar diversos tipos de espaços inclusive com setor público envolvido.”
— Anny Brito, sobre políticas públicas e descentralização.
-

6.2.9. Inovação, Identidade e Narrativa

- “O que diferencia essa nova geração é justamente a capacidade de se conectar com o público brasileiro e, ao mesmo tempo, dialogar com o mercado global. A riqueza cultural daqui, quando traduzida para a música eletrônica, é muito singular.”
— Pedro Gariani, sobre identidade brasileira.
- “Esses artistas se diferenciam porque não apenas tocam, mas constroem narrativas e identidades exportáveis, algo crucial para o Brasil se projetar como potência cultural.”
— Sophia Simon, sobre internacionalização e branding.)

6.2.10. Crítica e Reflexão

- “Sempre que puderem, estes agentes agirão como predadores, renovando o ciclo do neocolonialismo cultural (vide a apropriação do direito de obras autorais através do registro de fonogramas fora do país, muitas vezes sem o conhecimento dos artistas).”
— Augusto Olivani, sobre internacionalização e proteção de direitos.
- “A renovação existe, porém enfrenta alguns grandes desafios, como a falta de transmissão do conhecimento e da cultura da pista de dança, interrompida pela pandemia.”
— Augusto Olivani, sobre transmissão de cultura.